



Vol. 5 nº 9 jan/jun 2010
p. 245-252

TÓPICOS DE CULTURA: ADENDO FUNDAMENTAL AO APRENDIZADO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Bernardo Antonio Gasparotto
(Unioeste – Campus de Cascavel)
Gilmei Francisco Fleck
(Unioeste – Campus de Cascavel)

Resumo: Este artigo propõe-se a discutir a importância da inserção de tópicos de cultura no processo de ensino/aprendizagem de uma L.E. Tal proposta ancora-se no fato de que, no continente americano, os processos de mestiçagem e hibridização foram os geradores das atuais nações deste vasto território. Sendo assim, um processo efetivo de ensino de língua estrangeira deve considerar a necessidade de, além de desenvolver a competência comunicativa, desenvolver também a competência cultural (GARCÍA SANTA-CECILIA, 1995). Para se dimensionar a importância da cultura no ensino da L.E. no continente americano temos de ter em mente as civilizações que aqui se encontravam antes da chegada dos europeus. Há, ainda, que se atentar para a supremacia da linguagem oral dos autóctones sobre a escrita dos colonizadores a fim de conceber o embate entre estas formas de linguagem (GREENBLATT, 1991). Outro ponto a se destacar refere-se ao fato de que a Espanha, se constituía em uma sociedade mestiça na época das grandes navegações. Nesse sentido, deve-se lembrar a forma como esta sociedade tornou-se “pura”, estabelecendo a supremacia dos Cristãos Velhos. Mediante estas constatações pode-se afirmar que, hoje, a América, especialmente a latina, é o ambiente mais propício, segundo Uslar Pietri (1990), para a produção e o desenvolvimento de um novo processo de mestiçagem criativa.

Palavras-chave: Ensino de língua e cultura; Hibridização; América Latina; Processo de ensino-aprendizagem.

CULTURE TOPICS:
FUNDAMENTAL ADDENDUM TO THE LEARNING OF A FOREIGN LANGUAGE

Abstract: This article proposes to discuss the importance of Culture Topics in the process of teaching/learning of an F.L. Such a proposal is based on the fact that, in the American continent, the processes of mixing races and hybridization were the generators of today's nations in this vast territory. That being, an effective process of teaching a foreign language should consider the need to, besides developing a communicative competence, develop also the cultural competence (GARCÍA SANTA-CECILIA, 1995). To have a dimension of the importance of culture in the F.L. teaching in the American continent there must be in

mind the civilizations that were found here before the arrival of the Europeans. There needs to be attention also to the supremacy of the oral language over the written language of the conquerors in order to grasp the struggle between those forms of language (GREENBLATT, 1991). Another point to focus refers to the fact that Spain was constituted of a hybrid society at the time of the great navigations. In this sense, should be reminded the way how this society became “pure”, establishing the supremacy of the Old Christians. With these confirmations can be affirmed that, today, America, specially the Latin one, is the most appropriate ambient, according to Uslar Pietri (1990), for the production and development of a new process of creative hybridness.

Keywords: Teaching of language and culture; Hybridness, Latin America, Teaching-learning process.

Quando pensamos o processo ensino-aprendizagem de língua estrangeira temos de ter em mente que esse está sempre ligado ao novo e ao “outro”. Quando restrito aos aspectos unicamente lingüísticos, o processo resulta num contexto artificial, sendo necessário, para estimular o aprendiz a envolver-se na nova empreitada de forma mais integral, que este processo se volte, também, para os aspectos relevantes da cultura inerente ao povo que se utiliza da língua alvo para a comunicação cotidiana, já que o idioma é apenas uma das muitas manifestações da cultura de um povo. Ao focar também uma série de aspectos culturais, a aprendizagem do novo idioma e os próprios métodos de ensino utilizados para alcançar tal objetivo adquirem uma dimensão que vê no “outro” um espelho, que pode refletir semelhanças e diferenças, ocasionando, como resultado, uma maior identificação tanto de sua própria história como da história do “outro”. É mediante essa compreensão que se faz possível percebermos o que somos e mesmo o que não somos de forma mais lúcida e objetiva. Esta alteridade que, conforme registra Todorov (1983, p. 11), nem sempre esteve presente nos contatos entre os povos colonizadores europeus (origem das línguas estrangeiras que hoje ensinamos e aprendemos) e os povos colonizados na América, parece-nos essencial para o desenvolvimento integral do aprendiz. Revelar a importância e incentivar a inserção do ensino de Tópicos de Cultura nos programas de ensino de língua estrangeira consiste numa tarefa de essencial importância para acadêmicos e professores do curso de Letras e demais membros da comunidade que busca conhecer um outro idioma.

Há pouco tempo iniciou-se um processo de revisão acerca do ensino de Língua Espanhola no Brasil, neste processo deu-se muita importância para a construção da própria identidade latino-americana dos brasileiros e a inserção do Brasil dentro de um contexto lingüístico mais amplo. Cooperou para isso a aprovação, pelo Senado, da lei 4.004 de 1993, que determina a obrigatoriedade do ensino da Língua Espanhola no Ensino Médio e facultativo no Ensino Fundamental. Foi um longo caminho que este projeto teve de percorrer para, finalmente, ser sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 5 de agosto de 2005, sendo em seguida

adequada aos Estados da União, recebendo especial atenção dos Estados que fazem fronteira com outros países da América Latina, devido a sua importância prática.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) dão direções para a dimensão que este estudo deve alcançar: "garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso". (P. C. Ns, 1998, p. 9). A dimensão discursiva, proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, ultrapassa, pois, as questões lingüísticas, estendendo-se ao contexto cultural no qual a língua é veículo de comunicação. A dimensão sociointeracionista de Vygotsky (1896-1934), estudada por Rego (1994), que sustenta o próprio texto dos Parâmetros, revela a importância de aluno e professor como cidadãos ativos, cooperativos e responsáveis que se relacionam ao longo do processo ensino/aprendizagem, já que, "aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural e institucional". (PCNs, 1998, p. 57). Aprender uma língua, no contexto brasileiro quando esta é apresentada como um todo em si e não como uma das manifestações culturais de um povo, tem sido prática desde longa data e o resultado sempre foi a ineficácia deste sistema. Inserir este processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira no contexto maior da cultura de uma nação, ao apresentar aos estudantes abordagens a tópicos desta cultura, pode, assim, contribuir de forma valiosa no processo, não só da aprendizagem do idioma, mas da construção da cidadania. Um fato que se dá pela consciência da alteridade.

Se abordamos o processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira dentro do contexto da competência comunicativa é porque queremos que o aluno desenvolva tanto o conhecimento da língua quanto da sociedade que a utiliza, que este processo venha, segundo reivindica Baralo (1999), a torná-lo capaz de agir dentro desta sociedade e com os sujeitos que nela convivem de forma adequada, sem causar grandes estranhamentos. Para tanto, segundo García Santa-Cecilia (1995), é necessário abordar também a competência cultural como componente indissociável deste processo. Assim, o professor, ao ensinar a língua, ensina ao mesmo tempo uma série de práticas sociais e de valores culturais, oferecendo, deste modo, ao seu aluno um "contexto significativo" para a prática da língua estrangeira. Segundo Austin Millán (2001), este processo de ensino/aprendizagem de L. E. que busca a união entre a competência comunicativa e a competência cultural poderia ser chamado de cultura contextualizada. Neste sentido, não se chega nunca a potencializar no estudante estrangeiro a competência comunicativa na língua estudada quando se costuma isolá-la do ensino da competência cultural.

Meyer (1991, apud OLIVERAS, 2000, p. 38) registra que a competência intercultural, como parte de uma ampla competência do falante de uma língua estrangeira, identifica a habilidade de uma pessoa em atuar de forma adequada e flexível ao enfrentar-se com ações, atitudes e expectativas de pessoas de outras culturas. A competência intercultural inclui a capacidade de estabilizar a própria identidade no processo de mediação entre culturas e a de ajudar a outras pessoas a estabilizar a sua.

A importância da abordagem à cultura nas aulas de língua estrangeira se

revela à medida que nos damos conta que o estudo da cultura cria o discernimento e a consciência crítica. Enquanto os aspectos mais estruturais da língua, suas características morfológicas, sintáticas e fonéticas, ampliam a capacidade intelectual, desenvolvem o raciocínio lógico do aluno; a cultura, por sua vez, toca em sua subjetividade, contribuindo para a ampliação dos aspectos emocionais envolvidos no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, os quais têm importância capital no intento de alcançar os objetivos propostos.

Uma abordagem multicultural nas aulas de espanhol para estudantes brasileiros tem, além de outras vantagens, a de possibilitar aos que buscam comunicar-se na língua falada por todos os povos vizinhos a ideia da coletividade, de uma história comum, de pertencer a um conjunto maior, que transcende aos aspectos formais do idioma e os limites geográficos, que abarca a história individual de cada um e a história da América Latina como um todo. Esta história comum dos povos colonizados na América reflete traços significativos de nossas culturas, pois, conforme registra Carlos Fuentes (1992, p. 97) *“la hazaña de Cristóbal Colón abrió el telón sobre un inmenso choque de civilizaciones, una grande epopeya compasiva a veces, sangrienta otras, pero siempre conflictiva: la destrucción y creación simultáneas de la cultura del Nuevo Mundo”*. Neste sentido, Artur Uslar Pietri, ao analisar o processo de formação das nações europeias que, no intento de estabelecer padrões de pureza e unidade, tiveram seus processos de mestiçagem interrompidos, comenta:

La América hispánica es tal vez la única gran zona abierta en el mundo actual al proceso del mestizaje cultural creador. En lugar de mirar esta característica extraordinaria como una marca de atraso o de inferioridad, hay que considerarla como la más afortunada y favorable circunstancia para que se afirme y extienda la vocación del Nuevo Mundo que ha estado asociada desde el inicio al destino americano.

Explorar tais aspectos em sala de aula é, sem dúvida, um passo para promover a integração entre os povos e o resgate de elementos identitários das nações latino-americanas, cujas manifestações culturais mais remotas estão ligadas, conforme expõe Greenblatt (1991), à essência da oralidade, ao lembrar que uma das maiores consequências das façanhas de Colombo em 1492, para a cultura dos povos americanos, não foi a sua perda do passado, mas, sim, a perda fatal da manipulação do poder no presente. Tal fato se justifica pela soberania, em terras americanas, da cultura oral. A preservação das experiências passadas na cultura autóctone era baseada na oralidade e, conseqüentemente, na memória, pois, conforme registra Fuentes, nesse sistema de cultura presente na América antes mesmo da chegada de Colombo, *“los viejos son los que recuerdan las historias, los que poseen el don de la memoria. Se puede decir que cada vez que se muere un hombre o una mujer viejos en el mundo hispánico, toda una biblioteca muere con ellos”* (1992, p. 378). Os ibéricos, por sua vez, na época do descobrimento, já se deleitavam com as maravilhas da invenção de Gutenberg e consumiam, avidamente, os romances de cavalaria, tão em moda na Europa de então.

Tal ação também contribui para a formação da conscientização de que a América é, por excelência, um espaço de culturas híbridas e mestiças, devido ao intenso processo de mistura, não apenas étnica que formou a maioria das nações americanas, mas de hábitos, costumes, crenças, valores, formas de viver, pensar e ser. Esta é a grande riqueza da América, sua fortuna cultural reside justamente, nestes aspectos de mestiçagem e hibridização. Indiretamente, isto induz à questões sociais como os preconceitos, os tabus e a formação de grupos minoritários – realidades com as quais os profissionais da educação precisam enfrentar-se no seu dia a dia.

Baseados na ideia de que Cultura e Língua são indissociáveis, cremos que a língua é uma das mais importantes manifestações culturais de um povo, associada aos elementos culturais que lhe dão identidade, revela a importância de que o estudo destes aspectos deve estar presente em todas as aulas de L. E., pois, o estudo da cultura promove a solidariedade entre a diversidade humana e o desenvolvimento de uma “consciência humanizadora”. Além disso, conforme já apontou Monserrat Spinet (1999), a abordagem à cultura é um dos aspectos mais úteis na motivação dos estudantes de L. E. uma vez que ela promove o desenvolvimento integral, a conscientização da existência de uma identidade cultural própria, ao mesmo tempo em que amplia visão do “outro” (a alteridade). O estudo da cultura estimula a efetivação de um verdadeiro enfoque multidisciplinar e possibilita compreender aspectos relevantes dos “grandes choques culturais” ocorridos ao longo da história das civilizações.

Como já mencionamos, um dos objetivos do ensino de língua estrangeira é o desenvolvimento da chamada competência comunicativa, o desenvolvimento simultâneo e integrado das dimensões que configuram essa competência, e que permitirão ao estudante utilizar a língua de forma correta e adequada. Podemos assim dizer que este processo de ensino consiste, segundo García Santa-Cecília (1995), em prestar uma atenção sistemática tanto aos elementos estruturais, como funcionais da língua, combinando ambos em um processo comunicativo e completo. Quando a dimensão comunicativa alia-se à dimensão cultural o processo de aprendizagem atinge a sua plenitude, pois, por meio do conhecimento da cultura do “outro” é que aprendemos a agir dentro de um contexto existencial marcado pelos hábitos, costumes, tradições e modos de ver a vida de outro ser humano, este habituado aos processos culturais de seu povo. Revelar a importância da inserção de tópicos de cultura no programa de ensino de língua espanhola, por meio de exemplos de abordagem a alguns dos aspectos marcantes da cultura hispânica, é a tarefa que nos propomos para, por meio dela, revelar novos olhares sobre o passado, para produzir conscientização no presente, a fim de possibilitar um futuro no qual a convivência entre diferentes povos possa ser mais pacífica, humanizadora, sempre baseada no reconhecimento e aceitação do “outro” como igual.

No contexto de ensino de espanhol como língua estrangeira no Brasil, a importância da inserção de Tópicos de Cultura hispânica no processo deve abarcar não somente a história da Espanha, mas também a dos países por ela colonizados,

os povos conquistados, cujas manifestações culturais foram menosprezadas quando não totalmente proibidas. Nações que, embora tenham passado por um intenso processo de aculturamentos, seguem mantendo vivos alguns traços culturais das sociedades que integraram o processo de mestiçagem que as formou. Assim, é indispensável que se trate das grandes civilizações pré-colombianas ao longo do processo de ensino da língua.

Os grandes impérios que se encontravam na América na época do “descobrimento” em muito se assemelhavam, na questão tecnológica e mesmo social, a outros grandes Impérios existentes na Europa, cerca de mil anos antes. Eram povos extremamente preparados para o combate, principalmente os Incas, já que toda sua população era utilizada, de alguma forma, para auxiliar na submissão do inimigo. Assim como os cidadãos da Grécia Antiga, davam extremo valor à organização em todos os ramos de atuação do “Estado”, e não era diferente com relação ao exército, além de, mesmo que possivelmente inconscientemente, mantinham uma forma física impecável.

Os grandes Impérios pré—colombianos tiveram sua contagem regressiva iniciada quando as três embarcações de Colombo chegaram à ilha de Guanahaní, em 12 de outubro de 1492. Os tripulantes espanhóis imaginavam ter chegado às esplêndidas terras asiáticas descritas por Marco Polo e tantas vezes aludidas pelo Almirante ao longo da interminável travessia. A desilusão frente à realidade das terras americanas seguiu-se ao júbilo do primeiro momento. Somente anos mais tarde os conquistadores chegariam a encontrar as ricas civilizações que habitavam esta nova terra: Incas e Astecas. Francisco Pizarro e Hernán Cortés foram os conquistadores “privilegiados” que, em suas incursões pelas terras americanas, toparam com estas civilizações únicas e em pleno desenvolvimento. Esses encontros, como todos os outros entre europeus e autóctones do Novo Mundo, conduziu a enfrentamentos nos quais a superioridade bélica dos conquistadores reduziu à ruínas as florescentes culturas pré-colombianas.

A história, por sua vez, revela-nos que o contexto social de onde partiram os tripulantes da Niña, da Pinta e da Santa María era um ambiente radical e totalitário sob o comando de Fernando e Isabel, dominado pela Igreja Católica que impunha seus preceitos de unidade religiosa. Assim, muitos tripulantes dessas embarcações que se aventuravam em busca de fama e riquezas pelo oceano desconhecido eram judeus e muçulmanos (muitas vezes exilados, que viam em tal aventura uma chance de mudar de vida), ou, no mais das vezes, uma população cristianizada, sem educação e miserável, que mal poderia subsistir no seio da sociedade em que estavam inseridos.

É tendo em mente todas essas circunstâncias e fatores que uniram representantes de diferentes contextos culturais, aos quais ainda agrega-se um contingente significativo de africanos oriundos de diferentes regiões de seu continente, que o ensino de cultura hispânica deve ancorar-se nas palavras de Artur Uslar Pietri:

La gran época creadora del mestizaje en Europa ha terminado desde hace mucho

tiempo. Los mitos de su superioridad racial, del pasado histórico, de la pureza de la herencia nacional actuaron como frenos y diques empobrecedores. [...] En cambio, la América Hispánica es tal vez la única gran zona abierta en el mundo actual al proceso de mestizaje cultural creador. (1990, p. 346-347).

Ao darmos ao ensino de língua estrangeira no continente americano uma dimensão intercultural, no qual a pluralidade de manifestações culturais resultante desse processo de mestiçagem pode e deve ser motivo de orgulho, uma vez que nesse contexto se dão as maiores e principais inovações no campo da linguagem, tanto oral quanto na produção literária, possibilitamos ao aprendiz uma experiência que transcende o espaço lingüístico para atingir o universo social mais amplo que nos congrega sob o signo de latino-americanos. Assim podemos compreender, com mais propriedade as colocações de Silviano Santiago quando este menciona que:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza: esses dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. (SANTIAGO, 2000, p. 16).

Em nossas aulas de língua estrangeira podemos mencionar que uma das prova evidente disso, na literatura brasileira, por exemplo, se dá, principalmente a partir da década de 30, com o regionalismo, e na literatura Latino Americana, hispânica, principalmente com o advento do Novo Romance Histórico, que possibilitou ao povo colonizado na América realizar releituras do passado e discorrer de forma crítica acerca da historiografia oficial que tratava desse passado local, antes registrado apenas sob a visão do colonizador. Tais práticas também nos conduzem ao que evidenciou Uslar Pietri:

Es sobre la base de ese mestizaje fecundo y poderoso donde puede afirmarse la personalidad de la América Hispánica, su originalidad y su tarea creadora. [...]. Su vocación y su oportunidad es la de realizar la nueva etapa de mestizaje cultural que va a ser la de su hora en la historia de la cultura. Todo lo que se aparte de eso será desviar a la América Latina de su vía natural y negarle su destino manifiesto. (1985, p. 356-357).

Assim, no âmbito do ensino de língua espanhola no Brasil, primeiro devemos chegar à compreensão de que a língua espanhola não é única e, portanto, sua cultura tampouco será homogênea. A abordagem a Tópicos de Cultura na aula de língua estrangeira servirá, assim, para localizar o estudante brasileiro num contexto histórico de proximidade com os países que o cercam e o de alteridade em relação

às diferentes manifestações culturais de cada nação latino-americana.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN MILLÁN, Tomás R. Para comprender el concepto de cultura. *Revista Unap Educación y desarrollo*. Chile. Año 1, n.1, marzo de 2000. Disponible en: <http://www.members.lycos.co.uk/tomaustin/ant/cultura.htm>. Accedido el 16/08/2006.
- BARALO, Marta. *La Adquisición del Español como Lengua Extranjera*. Madrid: Arco Libros, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- GARCÍA SANTA-CECILIA, A. *El currículo de español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa, 1995.
- GREENBLATT, S. *Marvelous possessions: the wonder of the New World*. Chicago: Oxford University Press, 1991.
- MONTERRAT ESPINET, Dejuán. *La Comunicación en la clase de Español como Lengua Extranjera: Orientaciones didácticas y actividades*. Madrid: La Factoría de Ediciones S. L., 1999.
- OLIVEIRAS, Ángeles. *Hacia la Competencia Intercultural en el aprendizaje de una lengua Extranjera*. Editorial Edinumen: Barcelona, 2000.
- PIETRI, Arturo Uslar. *Cuarenta ensayos*. Caracas: Monte Ávila, 1990.
- REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky – Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Recebido: 22/06/2010

Aprovado para publicação: 17/08/2010